

**(DES)AFETOS NA TERCEIRA IDADE: O ENVELHECIMENTO DO
SUJEITO FEMININO NO ROMANCE *AMOR EM DOIS TEMPOS*, DE
*LÍVIA GARCIA-ROZA***

Raquel Araújo Luna¹
Ingrid Vanessa Souza Santos²

RESUMO

O presente trabalho objetiva perceber como o envelhecimento feminino é retratado através do romance *Amor em Dois Tempos* (2014), de Lívia Gracia-Roza. O recorte privilegia as vivências da protagonista, Vivian, que após a morte do esposo, decide obter experiências que confortam os estereótipos atribuídos à mulher na fase da velhice. Nesse sentido, busca-se verificar os entraves socioculturais que cerceiam a vida do sujeito de “terceira idade”, bem como discutir acerca dos dilemas que versam entre o discurso repreensivo e a relação com o próprio corpo envelhecido, no que diz respeito aos afetos e à prática da sexualidade. Para isso, recorreremos às noções teóricas de Dalcastagnè (2015), Beauvoir (2016), Foucault (2021) e Bosi (2009) entre outros. Isso posto, constatamos que a personagem, mesmo não estando imune aos julgamentos e hostilidades advindos daqueles que Michel Foucault nomeia como “vigilantes”, subverte o lugar-comum atribuído à mulher idosa.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea, Feminino, Velhice, Afetos.

INTRODUÇÃO

A cronologia é um fator significativo para contar a história da humanidade. O tempo em que ou como surgem e se findam as coisas é objeto de investigação para diversas bases científicas. No campo da ficção, a literatura nos mostra que a categoria tempo é indispensável para o enredo de qualquer história. Consentimos, incontestavelmente, que o *cronos* rege nossa vida e a dos seres inventados: os personagens (CÂNDIDO, 2011). Datar, contabilizar, medir são verbos que não se dissociam da maioria de nossas explicações e, sobretudo, de nós, porque a idade nos importa, ela é uma marca impressa do tempo, registrada, naturalmente, no nosso corpo, que envelhece a cada dia.

Nesse âmbito, no ano de 2003, entrou em vigor no Brasil o Estatuto do Idoso (Lei 10.471), incitando políticas públicas que valorizem a pessoa com idade madura, teoricamente,

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), lunarachel77@gmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ingrid_vanessa12@hotmail.com.

concedendo instruções para um melhor estilo de vida e bem-estar destes indivíduos (BRASIL, 2007). Além disso, no cenário brasileiro, a idade é dado fundamental para o Estado, o qual segmenta os números em faixas: a primeira (de 0 a 20 anos); a segunda (meia idade/ de 21 a 49 anos) e a terceira idade (de 50 a 77 anos), obedecendo a expectativa de vida, reestabelecida a cada quatro anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), remodelando os dados da pirâmide demográfica.

Essa delimitação ocorre para facilitar a catalogação de diversos aspectos, que caminham desde o uso de serviços públicos, como as condições de saúde do sujeitos até a declaração de bens de ordem privada, que orbitam no entorno do Direito. Para as áreas relacionadas à saúde, a idade é um fator essencial, visto que os procedimentos oferecidos prezam pela segurança do idoso, no sentido de oferecer cuidados diligentes e atendimentos preferenciais (RODRIGUES et al., 2016).

Dito isso, neste artigo, dedicaremos nosso olhar analítico para a uma mulher terceira idade, protagonista do romance contemporâneo brasileiro, *Amor em dois Tempos* (2014), escrito por Livia Garcia-Roza. A mencionada romancista, nascida no Rio de Janeiro, estreou na literatura em 1995, já concorreu a diversas premiações nacionais, sendo um das mais expressivas o prêmio Jabuti, com a novela *Cine Odeon*, em 2001. Em seus textos, ela contempla os dilemas que envolvem o sujeito feminino, tais como as relações familiares, a solidão, a maternidade, a viuvez, a dependência financeira e amorosa, as dimensões do corpo e dos desejos, tal como a busca por prazer.

Nessa obra, encontra-se a personagem Vivian, de setenta anos, que encerra o ciclo de um casamento ancorado no moralismo patriarcal e, após a morte do cônjuge, decide realizar alguns desejos, entre eles, questões ligadas à afetividade e à sexualidade. Contudo, recebe constantes apontamentos por parte de amiga de longa data, Hilda, por julgar suas ações inadequadas para uma senhora recém-viúva.

Nesse cenário, através de leitura acerca da mencionada obra literária, objetivamos enxergar quais são os entraves que limitam os desejos de uma mulher de terceira idade, evidentemente, centrando nosso recorte nos episódios que remetem às vivências socioafetivas da protagonista. Além disso, temos pretensão de pontuar os possíveis discursos que endossam os estereótipos à respeito da figura feminina envelhecida.

A princípio, sustenta-se a hipótese de que a velhice apresenta-se como um tabu para a autorrealização amorosa da personagem, pois, sendo uma mulher com idade madura, tem a liberdade nivelada por discursos emitidos por indivíduos, os quais integram o seu espaço de convivência, que consideram determinadas atitudes como inapropriadas para uma idosa. Por

isso, ao tentar romper com estereótipos associados ao sujeito feminino de terceira idade, a personagem retrocede, temendo ser alvo da reprovação, tendo seus desejos negligenciados por ela e condicionados pela vontade do(s) outro(s).

No que diz respeito à pesquisa em literatura, justificamos que, apesar da pluralização de temáticas que abordam sujeito feminino, têm-se um número razoável de trabalhos que se debruçam sobre a temática do envelhecimento, quando comparados a outros temas abordados pelos Estudos de Gênero. Desse modo, a análise empreendida pretende contribuir com a visibilidade não só da autoria feminina no cenário contemporâneo, como também propor uma leitura acerca do envelhecimento, tendo como base os dilemas sociofamiliares de uma protagonista idosa.

METODOLOGIA

A partir de uma leitura do romance *Amor em Dois Tempos* (2014), de Livia Garcia-Roza, com brevidade, iremos nos deter à discussão de passagens que dialoguem com nosso recorte, bem como expor nossas particulares impressões sobre os episódios tidos como significativos, para que percebamos a censura direcionada à mulher de terceira idade. Assim, a pesquisa é de ordem qualitativa, uma vez que centra-se numa interpretação baseada na relação entre os fragmentos da obra e o que nos diz a teoria.

Dito isso, nosso trabalho conversará com a teoria de Dalcastagnè (2015), a fim de compreender sobre a representação da mulher na literatura contemporânea. Além disso, nomes da filosofia e das ciências sociais como Simone Beauvoir (1990) e (2017), Foucault (2020), Lins (2012) serão indispensáveis para pensar o cerceamento dos sujeitos e, não menos importante, Bosi (2009), a fim de tecer considerações sobre a temática do envelhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Após a influência das ondas feministas, que começaram em meados do século XX, a relação entre mulher e literatura foi revolucionada. Entre as pautas levadas pelos feminismos, a reivindicação à visibilidade da produção intelectual produzida por mulheres tornou-se um objetivo entre tantas outras requisições (LINS, 2012). Nessa direção, Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo*, realiza um estudo sobre o ordenamento social e da inserção da figura feminina na sociedade, chegando à conclusão que na gestão do patriarcado a posição da mulher

é secundária, tornando-se condicionada ao cumprimentos dos afazeres conjugais e domésticos (BEAUVOIR, 2016).

Para a filósofa, o ocupação de um espaço público, ou qualquer outro espaço que denotasse posição de poder, era um ambiente inacessível e controverso para uma mulher (BEAUVOIR, 2016). Nessa esteira, autora enfatiza que a mulher tem “prazo de validade”. Para ela, se durante a fase da infância e adolescência a menina é preparada para o casamento, na fase adulta a realização feminina está na concretização do casamento e, posteriormente, na maternidade. Entretanto, quando envelhecida, a funcionalidade da mulher é reduzida a figura da “boa avó”, um depósito de memória que parece não possuir mais desejos, tendo, assim, sua sexualidade ofuscada (BEAUVOIR, 2018).

A respeito disso, convém mencionar Michel Foucault (2013), que em sua obra, *Vigiar e Punir*, pontua acerca de uma sociedade construída sob estruturas de poder, que atuam desde a mobilidade dos corpos até o intelecto. Para o filósofo, há uma vigilância capaz de delimitar as ações de um sujeito, para que mantenha certas normas estabilizadas. Caso isso não ocorra, existe uma punição para “práticas desviantes”, que visam uma repreensão, sendo a mais corriqueira, o discurso moralizante, para fins de hostilidade (FOUCAULT, 2013).

Em seu outro livro, *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (2021), Foucault reflete sobre a resistência de algumas sociedades para lidar com os seres “desviantes”. Nesse estudo, ele evoca a medicina, a antropologia e outras ciências humanas para discorrer acerca do tabus que envolvem a sexualidade e às práticas do sexo (FOUCAULT, 2021). A velhice por sua vez, não se distancia das ideias entabuladas pelo mencionado estudioso, ainda que não se volte para os dilemas sobre corpo feminino em idade avançada, suas ponderações trazem à luz diversas motivações que impactam nas formas de experienciar os afetos e as relações íntimas.

Para Bosi (2009), o sujeito envelhecido é observado como um acervo de memórias, que (re)conta histórias sobre o tempo e os fatos, como testemunha viva e ocular de uma época, orbitando na dimensão da reflexão e da experiência (BOSI, 2009). No entanto, reduzir um sujeito à lembrança e a manutenção dela é esquecer-se que o contador ainda vive e, como todo e qualquer um ser humano em são consciência, é movido por anseios e desejos, inclusive, afetivos e sexuais.

Nessa via, ao pensar sobre o binômio mulheres e ficção na atualidade, Dalcastagnè (2015) pondera a respeito da timidez que algumas personagens são pensadas, escritas e trabalhadas pela Literatura Contemporânea. A estudiosa argumenta sobre a permanência dos estereótipos e das leves rupturas sofridas, principalmente, quando se dedica a explorar temáticas femininas na produção escrita brasileira. Para ela: “a literatuta pode dar a

ver situações que são tornadas ‘invíssíveis’ e, assim, contribuir minimamente para a sua discussão, é importante que sejam inseridas novas vozes, provenientes de outros espaços sociais em nosso campo literário” (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 53).

Em concordância com a referida pesquisadora, viu-se que a mulher envelhecida é este ser “invisível”, alocada, em suma, a um elemento que preserva a memória, a sabedoria e surge pontualmente como figura secundária em narrativas. Sua subjetividade é latente, mas o seu estado orgânico é esquecido, a sua imagem se reduz, muitas vezes, à reprodução do pensamento memorialístico. Por esse motivo, cremos que por trás de uma mulher madura há outra matéria além de lições e conhecimento, há um corpo marcado pelos sinais de tempo e uma subjetividade presente, que propomos a despir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando Beauvoir elucida os desafios de uma mulher na conjuntura patriarcal, logo se vê que nenhuma das fases é tão desprezada pelo patriarcado quanto a velhice, especialmente, a feminina. Não por opção das idosas, mas por um discurso empreendido que reduz a idosa a um estado de ociosidade (BEAUVOIR, 2016). Assim, antes do último ciclo, no qual cerra-se o fôlego, encontra-se a terceira idade, eventualmente, apontada como um momento em que se redobram os cuidados e se reduz os afazeres. Essa fase, por sua vez, é encarada como um momento de inutilidade e tédio por Vivian, a protagonista forjada por Lívia Garcia-Roza recusa-se a pensar na chegada da morte, por mais que tenha certeza dela.

Aos seus setenta anos, a narradora e personagem do romance, *Amor em dois tempos* (2014), decide reaver o “tempo perdido”. Casada durante anos, por conveniência, com Conrado, um homem de negócios no cenário Paulista, agora se vê viúva com uma missão a cumprir: jogar as cinzas do marido no mar, em sua cidade natal, Salvador. Entretanto, a morte do cônjuge é, paradoxalmente, a saída para que Vivian possa (re)viver suas vontades. Nessa travessia, acompanhada pela amiga, Hilda, a personagem reencontra o primeiro amor da juventude, Laurinho, com quem engata um romance.

As limitações enfrentadas pelas circunstâncias advindas da idade trazem à baila algumas barreiras para o bem-estar de Vivian, uma delas nós podemos verificar no seguinte trecho: “Quando o meu marido morreu, eu me recuperava de uma das minhas quedas.” (GARCIA-

ROZA, 2014, s/p).³ Por isso, ela sofre constantes apontamentos por parte de Hilda, que prefere vê-la em um estado de inércia. Para a amiga, qualquer sugestão de movimento já é mais do que suficiente para reter Vivian no estado de estagnação, inclusive, pensar em um relacionamento na maturidade, para Hilda, é uma audácia. A preocupação da colega transpareceria um traço comum para quem cuida de pessoas idosas, se não fosse pela constante censura direcionada à protagonista.

Tendo isso em mente, Hilda é para Vivian a materialidade daquilo que Foucault (2013) nomeia por *vigilante*, uma vez que atua na manutenção do *status* que destina à mulher envelhecida a condição de invalidez, utilizando-se do discurso aparentemente polido, não emite somente alertas para a prevenção de acidentes, mas recorda e, faz questão de enfatizar, com tom repreensivo as condições físicas da protagonista.

Contudo, o maior enfretamento de Vivian reside no fato de Hilda afirmar que a protagonista “não respeita” o tempo do luto, dado que, estando ela recém-viúva, não deveria retroceder ao capricho de se envolver com um homem do passado. Nesse ínterim, percebe-se o discurso moralista emitido por Hilda, que não admite o fato de uma senhora ter desejos e materializa-los com um parceiro, pois, para Hilda, além de trair a memória do falecido esposo, o seu corpo estaria inapto para as práticas de afeto. Nesse sentido, Beauvoir (2018) é certa ao sugerir que, em comparação aos homens, a sexualidade feminina é um elemento monitorado e rechaçado pelo outro (BEAUVOIR, 2018).

Nesse viés, Foucault (2021) argumenta que o dispositivo da sexualidade é um assunto constante na formação das sociedades, para ele não é simples dissociar o ser humano do ser sexual, mas, erroneamente, o sexo é tratado como um acessório, percebido com um ato opcional e abjeto. Na visão do mencionado estudioso, a família (em outras palavras, os que tem “poder” de influência e proximidade) é o principal agente operante dessa repreensão sexual (FOUCAULT, 2021). Dito isso, Hilda configura essa potente voz que ladeia os desejos de Vivian, apoiada na ideia de fragilidade acometida pela idade.

Dessa maneira, nota-se que o discurso do outro simboliza um entrave para a realização afetiva e sexual de Vivian, a qual tem em sua consciência que não está ferindo a memória do finado marido, na verdade, está dando a si a chance de aproveitar o tempo restante, conforme nos diz o texto: “O mundo é uma estação de onde devemos partir, inexoravelmente” (GARCIA-ROZA, 2014, s/p). Nesse ínterim, o fragmento nos remete, discursivamente, à consciência de

³ As páginas não foram numeradas, visto que o formato de e-book, suporte para nossa leitura da obra, não computava por números, mas por porcentagem (%). Assim, evitando equívocos, seguimos o que nos orienta a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), demarcando os trechos com a abreviação s/p.

morte e de si. Acerca desse acontecimento, corriqueiro a todos os seres, Vivian não se abstrai de pensar sobre a efemeridade do seu tempo.

Desse modo, este saber desperta a transição do desejo para a efetivação prática das vontades. Assim, confrontando o discurso emitido pelo outro, as ações da protagonista passam a deslocar-se para as práticas de afeto. Entretanto, um novo conflito se instaura, o desempenho sexual que terá, pensando no corpo envelhecido, transforma-se em um novo entrave, porque a concretização da afetividade nesta narrativa, para a personagem, liga-se ao sexo. Vivian, contudo, desconfia que sua baixa-autoestima impedirá de encarar a si mesma e satisfazer o parceiro. Detentora de um corpo portador de uma estética flácida, marcado por relevos e rugas, ela não se percebe otimista para imaginar a possibilidade de oferecer/sentir prazer.

Essa insegurança, da mulher para com ela mesma, é caracterizada por Lins (2012) como uma convivência, por vezes inconsciente, ao padrão que agrada o patriarcado, no qual a “boa mulher” preocupa-se em agradar o homem e obter a sua aprovação. O mito de que um corpo jovem e bonito é sexualmente mais prazeroso tem sido popularizado por diversos discursos, difundidos pelos mais variados meios de comunicação ao longo do tempo, atingindo, em grande parte, o público feminino. Para a pesquisadora, isso explica o desprezo pelo corpo envelhecido e a busca por métodos que preservem a aparência jovial, criando a ilusão de que, quanto mais jovem a mulher aparentar ser, maiores as chances de alcançar a satisfação sexual (LINS, 2012).

Todavia, metaforizando a situação ao título do romance, esse “segundo tempo” não se pode realizar com as mesmas expectativas joviais, Vivian constata que precisará remodelar sua subjetividade, a fim de que não se frustre com idealismos românticos. Conforme a própria narradora admite: “Fui uma jovem expansiva, e de gestos largos e inesperados, mas precisava me conter senão eu não chegaria viva aos momentos finais” (GARCIA-ROZA, 2014, s/p). Assim, ela conclui que o tempo do amor carnal, dos afagos incessantes e calorosos, os quais embalam as relações efervescentes ficaram para trás, no “primeiro tempo”, na sua longínqua juventude.

Embora, nessa passagem se verifique vestígios de uma disposição vital, escamoteada no fragmento “as precisava me conter” (GARCIA-ROZA, 2014, s/p); isso nos direciona para pensar sobre a arbitrariedade entre o desejo e a experiência. Existe na fala da personagem a ousadia da vontade, que é refreada pela diligência. Nesse momento, observamos que o comportamento de Vivian é modalizado pela consciência de si, uma atitude prudente, a qual não podemos confundir com endossamento da impotência feminina, mas com certas abdições, as quais refletem no autocuidado.

Além disso, outro fragmento nos situa acerca da disparidade entre a subjetividade (o imaterial) e o corpo (o material): “Meu corpo não raciocina como eu” (GARCIA-ROZA, 2014, s/p). Nesse sentido, repara-se que sua mente fervilhante compete com um oponente incontornável: a compleição física. Nesse altura, é importante destacarmos para o nosso leitor que não estamos subestimando a capacidade de potência sexual de nenhum idoso, seguimos a nossa análise baseada pelos indícios e (inter)ditos fornecidos pela tessitura do texto literário. Até aqui, enxergamos que Vivian não está situada numa zona de invalidez, pois é uma fronteira que ele se empenha em contornar dentro das suas limitações.

Esse conforto, no geral, resguardado e passivo, imposto à terceira idade por meio de estereótipos, não é um lugar que a protagonista queira figurar. Por esse motivo, articula estratégias que validem seus afetos para o plano da realidade, mesmo que isso promova a quebra do vínculo de relações próximas, como é o caso do esfriamento e do distanciamento que toma de Hilda. A missão de Vivian é refutar os impedimentos que privem sua capacidade de sentir e demonstrar afeto, ainda que isso custe uma velha amizade. Esse sacrifício, o qual faz parte das relações humanas, replica no direito de escolha. Vivian escolhe a tentativa de sentir-se feliz, como nos confirma o excerto: “Nós dois de novo. Velhos, vivos” (GARCIA-ROZA, 2014, s/p).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após trair pelos dilemas de Vivian, notamos seu contorcionismo para lidar com os outros e, sobretudo, consigo. A nossa leitura buscou desnudar questões que parecem triviais, mas que colaboram com a firmeza de certas estruturas. São as sutilezas dos discursos, tão bem camufladas, imperceptíveis ao próprio enunciador que não ousa buscar os seus porquês. Isso, nos podemos constatar nos minúsculos fragmentos, expostos por nossa análise.

Assim, aludimos, neste curto ensaio, que apesar dos entaves, sociais e físicos, que estão no entorno da mulher idosa, Vivian é uma transgressora dos estereótipos. Certamente, seria mais cômodo se ela os obedecesse, porém falamos de uma personagem reflexiva e cautelosa, a qual compreendeu que entre todas as coisas que possuía, viver o afago dos afetos é a preciosidade que resta, para quem está consciente de que em um momento a morte chegará.

Portanto, constatou-se que a personagem, mesmo não estando imune aos julgamentos e hostilidades da sua *vigilante*, Hilda, e dos percalços que configuram a anatomia fisiológica de uma idosa, ainda assim, a protagonista consegue subverter o lugar-comum, atribuído à mulher idosa, ciente da efemeridade da vida e da necessidade de tentar modificar a sua “pacata” realidade. Desse modo, esperamos que este trabalho seja a ponta do iceberg para incentivar

novos olhares para a obra e para as questões que envolvem o envelhecimento no âmbito da pesquisa em literatura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. 2. ed. rev. – Brasília (Distrito Federal): Editora do Ministério da Saúde, 2007.

Disponível: https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto_idoso2edicao.pdf

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva. 13. ed. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: **lembrança dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução: Raquel Ramallete. 41. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: **A vontade de saber**. Volume 2. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11^a.ed. Paz e Terra: São Paulo, 2021.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: **O uso dos prazeres**. Volume 2. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11^a.ed. Paz e Terra: São Paulo, 2021.

GARCIA-ROZA, Lívía. **Amor em dois tempos**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Volume 2. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

RODRIGUES, Mayara Pinheiro De Moura *et al.* **O “etarismo” e a velhice: revisão das publicações nacionais**. Anais I CNEH. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/24577>>. Acesso em: 22/12/2022 14:31